

ESTRATÉGIAS DE LEITURA DO GÊNERO CHARGE: DIALOGICIDADE E MULTISSEMIOSE NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

CHARGE GENRE READING STRATEGIES: DIALOGICITY AND MULTISEMIOSIS IN THE CONSTRUCTION OF MEANINGS

Francisca das Chagas Pereira Felix¹

Universidade Federal do Maranhão

Eliane Pereira dos Santos²

Universidade Federal do Maranhão

Maria Francisca da Silva³

Universidade Federal do Maranhão

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo analisar o funcionamento dialógico e multissemiótico do gênero charge e seu uso enquanto estratégia de leitura no contexto da Educação Básica, no ensino fundamental. O texto é um recorte de trabalho monográfico realizado no Curso de Linguagens e Códigos Língua Portuguesa. Como desdobramentos do objetivo geral, temos os seguintes objetivos específicos: a) averiguar a importância da multissemiose enquanto estratégia de leitura do gênero charge; b) analisar relações dialógicas e ideológicas na construção de sentidos da charge; c) refletir sobre a importância do gênero charge enquanto objeto de ensino na educação básica. A questão problema é: quais aspectos do funcionamento social do gênero charge e como ele pode ser usado enquanto estratégia de ensino de leitura no contexto da Educação Básica. Para discussão teórica, temos Bakhtin (2009; 2011); Marcuschi (2002; 2004); Rojo e Barbosa (2015); Miller (2009), dentre outros. A pesquisa é de cunho qualitativo, bibliográfico e documental. O *corpus* é constituído a partir de textos pertencentes às charges retiradas do *Blog* do Amarildo. Foram selecionadas três charges desse *blog* para realizarmos as análises desses textos com temáticas voltadas à pandemia. Como resultados, destacamos a importância do gênero charge enquanto objeto de ensino para formação de um leitor crítico no que se refere aos acontecimentos político-jornalísticos. Ressaltamos, ainda, a necessidade de uma leitura que contemple estratégias

¹ Graduada pelo Curso de Linguagens e Códigos Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão-UFMA. Email: franciscafelix2408@gmail.com

² Doutorado em Linguística/Língua Portuguesa. Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo, do Curso de Linguagens e Código- Língua Portuguesa. Eliani-phb@hotmail.com

³ Doutorado em Letras Neolatinas/Espanhol (Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo, do Curso de Linguagens e Código- Língua Portuguesa. masilva8@yahoo.com.br

voltadas para os aspectos funcionais do gênero charge, tais como lugar de circulação, caráter multissemiótico, aspectos dialógicos e ideológicos.

Palavras-chave: Gênero charge; dialogismo; multissemiose; estratégias de leitura; ensino.

Abstract: This research aims to analyze the social functioning of the cartoon genre and its use as a reading strategy in the context of Basic Education, in elementary school. The text is an excerpt from a monographic work carried out in the Portuguese Language Language and Codes Course. As developments of the general objective, we have the following specific objectives: a) to investigate the importance of multisemiosis as a reading strategy for the cartoon genre; b) analyze dialogical and ideological relationships in the construction of meanings in the cartoon; c) reflect on the importance of the cartoon genre as an object of teaching in basic education. The problem is: what aspects of the social functioning of the cartoon genre and how can it be used as a reading teaching strategy in the context of Basic Education. For theoretical discussion, we have Bakhtin (2009; 2011); Marcuschi (2002;2004); Rojo and Barbosa (2015); Miller (2009), among others. The research is qualitative, bibliographic and documentary in nature. The corpus is made up of texts belonging to cartoons taken from Blog do Amarildo. Four cartoons from this blog were selected to analyze these texts with themes related to the pandemic. As results, we highlight the importance of the cartoon genre as a teaching object for the formation of a critical reader with regard to political-journalistic events. We also emphasize the need for a reading that includes strategies aimed at the functional aspects of the cartoon genre, such as place of circulation, multisemiotic character, dialogic and ideological aspects.

Keywords: Cartoon genre; dialogism; multisemiosis; Reading strategies. Teaching

Submetido em 12 de janeiro de 2024.

Aprovado em 18 de abril de 2024.

Introdução

O presente artigo apresenta uma análise do gênero charge enquanto possibilidades de estratégias de leitura na Educação Básica, destacando aspectos dialógicos, multissemióticos, ideológicos, dentre outros. O artigo tem como objetivo analisar o funcionamento dialógico e multissemiótico do gênero charge e seu uso enquanto estratégia de leitura no contexto da Educação Básica, no ensino fundamental. O *corpus* é constituído a partir de textos pertencentes às charges retiradas do *Blog do Amarildo*. Foram selecionadas três charges desse *blog* para realizarmos as análises desses textos com temáticas voltadas à pandemia. A charge é um gênero textual rico em aspectos multissemióticos, dialógicos e sentidos implícitos, o que permite ao leitor pensar, analisar e refletir o que se faz subentender nelas. O termo charge é tido como um desenho de natureza caricatural, de forma satírica e humorística, em que normalmente retrata um sujeito, fato ou ideia. Foi a partir dela que,

por volta do século XIX, pessoas que contradiziam o governo, buscavam se expressar ou se posicionar de uma forma inusitada, mas muitos acabavam sendo reprimidos. Em contrapartida, ganhou popularidade com a grande massa, o que contribuiu para sua existência até hoje.

Por ser um gênero que, geralmente, circula na esfera político-jornalística, muitas vezes se torna o veículo ideal para satirizar e criticar os “poderosos” políticos e também figuras públicas. Como um dos objetivos da imprensa livre é o de se posicionar e ironizar o governo, a charge é normalmente a sua arma mais poderosa, além de ser um gênero multimodal (texto/imagem) que está presente nas mídias e em diversos veículos de comunicação (revista, *tv*, *internet*), muitas vezes, frequentados pelos jovens e adolescentes.

É com base neste questionamento que nos propomos a analisar possíveis estratégias de leitura no contexto escolar, utilizando como instrumento de ensino-aprendizagem o gênero charge, de modo a formar leitores autônomos, competentes, críticos, reflexivos, capazes de buscar meios que os direcionaram a uma compreensão/interpretação efetiva do gênero que estão estudando e dos demais que possam ser trabalhados posteriormente na sala de aula, tendo em vista não apenas os aspectos estruturais do gênero, mas principalmente, aqueles relacionados ao funcionamento social.

O texto apresenta um referencial teórico-analítico, discutindo os conceitos teóricos a partir da análise de textos exemplares do gênero charge, fazendo uma articulação com possibilidades de ensino na Educação Básica. Desse modo as análises e referencial teórico estão articulados, sem separação em capítulos. Para discussão teórica, destacamos autores tais como, Bakhtin (2009; 2011; 2015) que discute o conceito de dialogismos e conceitos correlatos, como: responsividade, gêneros do discurso e ideologia; Marcuschi (2002; 2004) trazendo uma discussão sobre gêneros textuais digitais, Rojo e Barbosa (2015) contemplando questões acerca de multiletramentos e mutissemiose; Miller (2009) abordando os gêneros numa perspectiva sociorretórica.

1. Referencial teórico-analítico

Neste capítulo, discutiremos alguns conceitos teóricos, tais como dialogismo, mutissemiose, multiletramentos, gêneros discursivos, mostrando nos dados como esses

aspectos constroem sentidos nos textos, a partir da análise de exemplares do gênero charge. A discussão teórico-analítica aponta para estratégias de leitura que podem ser utilizadas em sala de aula no ensino desse gênero.

1.1 Considerações sobre gênero discursivo

Partimos do conceito de gênero na perspectiva de Bakhtin (2011), tendo em vista que seus trabalhos e estudos têm forte influência e/ou fundamenta significativamente parte das pesquisas nessa área. O gênero, na concepção bakhtiniana, trata-se de um conjunto de práticas discursivas em que a linguagem é empregada de forma oral ou escrita, de maneiras diferentes, com funções diferentes, nos mais variados contextos sociais em que o sujeito é chamado a agir e interagir por meio dela.

O autor compreende o gênero como um enunciado que está diretamente ligado com a intenção do locutor (quem fala ou escreve), permitindo que, dessa perspectiva, o gênero seja compreendido como uma manifestação da linguagem para a qual será direcionada uma resposta ao interlocutor (quem lê ou escuta). Como bem se sabe, o sujeito é o agente principal das relações sociais e também responsável pela composição e pelo estilo de seus discursos. Esse sujeito recorre ao seu conhecimento de mundo, aos discursos atravessados de outros discursos para que assim, seja capaz de organizar suas falas e compor seus textos, como aponta Bakhtin (2011, p. 308): “Todo texto tem um sujeito, um autor (o falante, ou quem escreve)”.

Sempre nos comunicamos por meio de gêneros numa dada esfera de atividade humana, e é justamente o contexto que estabelece as características do gênero a ser utilizado. “Cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 2011, p.280). Este conceito do “relativamente estável” está associado ao fato de que os gêneros discursivos tendem a sofrer mudanças históricas e geográficas, conforme o contexto em que se manifestam, e se modificam com a finalidade de atender as necessidades dos seus falantes. A carta, por exemplo, tendo em vista que a atual sociedade necessita de agilidade na comunicação e na propagação de informações, precisou ser substituída pelo e-mail e por outros gêneros emergentes com o advento das novas tecnologias, necessidade esta que a carta deixou de suprir. Contudo, a carta não deixou de existir, ocorreu apenas uma atualização de tal gênero, para assim, atender melhor os seus usuários.

Sob esse viés, conforme a teoria do círculo de Bakhtin, o conceito de tema não corresponde precisamente ao assunto de determinado fato, seu conceito vai muito além daquilo que se fala. O autor aponta que o tema é conteúdo impregnado de ideologia, assim podemos compreender que o conceito de tema se dá por meio das relações de interação que atribuem ao enunciado um valor axiológico, ou seja, um enunciado dotado de diversos valores, em outras palavras, segundo Rojo e Barbosa (2015, p. 87) “O tema é o conteúdo inferido com base na apreciação de valor, na avaliação, no acento valorativo que o locutor (falante ou autor) lhe dá”. Alves Filho e Santos (2013, p. 80) reiteram a natureza social do tema: “[...] o tema se constitui na interação, no discurso da vida real, a partir de uma situação de enunciação concreta que envolve aspectos históricos, culturais e sociais”.

Na charge abaixo, retirada do blog do Amarildo, percebemos o tema do gênero charge como sendo marcado pelo humor, pela criticidade, pela caricatura, retomando um contexto sócio-histórico a partir de um enunciador que torna o dizer único, valorado a partir de um momento, de juízo de valor único. Independente do assunto, a crítica e humor sempre são temas recorrentes no gênero charge. Na perspectiva composicional, percebemos uma relação entre o verbal e o não verbal que são distribuídos nas cores e figuras. Em se tratando de estilo na charge, a produção da escrita é sucinta e a linguagem é marcada pela formalidade do discurso do personagem na ilustração, vemos no exemplo abaixo.

Figura 1- A liberação da vacina.



Disponível em: <https://amarildocharge.wordpress.com/2021/01/15/a-liberacao-da-vacina/>

Como podemos perceber, a charge acima se refere a um dos mais variados posicionamentos negacionistas do Presidente Jair Messias Bolsonaro, relacionado à compra de vacinas. O termo "negacionismo" ganhou força durante a pandemia do *coronavírus* entre debates e discussões políticas, em que o próprio Governo de Bolsonaro foi considerado como exemplo de maior negacionista em relação à pandemia da *Covid-19*. Isso é perceptível em seus discursos, no posicionamento do Presidente na charge, quando ao telefone, ele com uma expressão facial demonstrando desespero e preocupação, questiona a ANVISA⁴ (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) o que podem fazer quanto ao processo de fabricação das vacinas contra a *Covid-19*, demonstrando interesse em acelerar tal processo, mas, ao receber como resposta da ANVISA que não podiam fazer nada, o personagem representando o presidente, com uma mudança de expressão facial repentina, demonstrando felicidade, questiona a ANVISA, “E quem disse que eu quero acelerar?”.

A fala apresentada no último balão aponta uma coerência com vários discursos do presidente que tinham como intenção retardar os acordos de compras das vacinas contra o *coronavírus*, inicialmente proibindo o Ministro da Saúde Eduardo Pazuello a comprar a vacina Coronavac por ter origem da China, recomendando à população remédios sem eficácia, afirmando em rede nacional que as pessoas virariam jacaré ao tomar a dose da vacina.

A charge acima retoma vários discursos já ditos anteriormente, constituindo-se como resposta a eles. A charge tem o poder de provocar reflexões, praticar ação, uma vez que leva o autor a adotar determinados posicionamentos frente aos acontecimentos sociais. Adotamos também a definição de gênero na perspectiva de Miller (2009), que ressalta o caráter social do gênero, seu caráter responsivo e sua relativa estabilidade, caracterizando os gêneros como forma de ação social, de maneira que este se define por ser uma entidade instável, que “transforma-se, desenvolve-se e decai”, sendo que [...] “o número de gêneros existente em uma sociedade é indeterminado e depende da complexidade e diversidade daquela sociedade” (Miller, 2009, p. 36).

⁴ https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/01/26/interna_politica,1232437/bolsonaro-mentiu-ao-dizer-que-compraria-toda-vacina-aprovada-pela-anvisa.shtml

Bazerman (2005), dialogando com os trabalhos de Miller (2009), define o gênero como uma construção psicossocial na qual surge historicamente e participa de processos de atividades socialmente organizadas. O gênero concebido dessa forma nos leva a compreender que o indivíduo o pratica buscando o reconhecimento e a construção de ações tipificadas em situações retóricas recorrentes. Partindo dessa perspectiva, no que se refere à compreensão do gênero, é necessário estar atento também ao contexto sócio-histórico e o sujeito cognitivo, uma vez que, é baseado nesses dois elementos que é possível que os sentidos sejam identificados, moldados, localizados e recebidos (Bazerman, 2005), afinal:

[...] gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não familiar (Bazerman, 2006, p. 23).

Partindo desse conceito acima, Bazerman (2006) assevera que o ensino e a análise dos gêneros não devem preocupar-se unicamente com a forma, mas também considerando a vida que está em volta do texto. Para ele, os gêneros surgem a partir de um viés histórico, cultural e interativo dentro de instituições e atividades anteriormente já existentes.

Assim, considerando que a comunicação se dá por meio dos textos, deve-se possibilitar aos alunos a oportunidade de ler, interpretar, compreender, criticar e produzir textos adequadamente conforme as situações de interação sociocomunicativas, contemplando as mais novas formas de suportes e ferramentas tecnológicas, o que pode torná-los leitores críticos e competentes. Além disso, permite ao aluno ter contato com novos meios de comunicação e também da linguagem, os denominados gêneros digitais. Além de habilidade com os textos e palavras, os gêneros digitais exigem agilidade e eficiência na interpretação de outros elementos, tais como cores, sons, gráficos, ícones e dentre outros, que são elementos significativos que interferem na comunicação, e toda essa interação exige conhecimento e, sobretudo, adaptação.

1.2 Gêneros digitais e ensino

Segundo Marcuschi (2004) com a revolução dos meios de comunicação, a partir dos anos 1990, e o advento e popularização do computador e, em especial, da *internet*, a rede mundial de computadores, as formas de lidar com a informação e com o texto também se alteraram. Desse modo, com a necessidade de nos comunicar surgiram os gêneros digitais, e com a expansão da tecnologia, sobretudo da *internet*, tornou-se muito comum a charge com animações, nas quais são constituídas de efeitos visuais e muitas vezes de sons.

Os gêneros textuais digitais são enunciados influenciados pelas inovações sociais e tecnológicas que vão ocorrendo. Assim, eles sofrem mudanças, tendo em vista que alguns gêneros precisaram modificar-se conforme as necessidades dos indivíduos e outros foram surgindo, ganhando espaço, e a essa inovação das tecnologias digitais, de acordo com Marcuschi (2004), denominamos de discursos eletrônicos ou gêneros digitais. O autor ainda ressalta que, com a chegada da internet, alguns gêneros textuais já existentes no nosso cotidiano sofreram modificações e outros apareceram:

Os gêneros emergentes nessa nova tecnologia digital são relativamente variados, mas a maioria deles tem similaridades em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita. Muitos desses gêneros digitais são evoluções de outros já existentes nos suportes impressos (papel), ou em vídeos (ex.: vídeos, fotografias). Porém essa tecnologia comunicativa verdadeiramente gerou novos gêneros, como por exemplo: os chats e os fóruns. (Marcuschi, 2002, p. 2).

Assim, o sujeito ao seguir o dinamismo da linguagem e da necessidade de se comunicar uns com os outros, possibilita que os gêneros passem por modificações ao longo do tempo, isto é, novas formas emergem através de formas já existentes. Além disso, é importante destacar que Marcuschi (2002) caracteriza os gêneros digitais como enunciados escritos em ambientes eletrônicos, nos quais estes nos permitem inserir imagens, sons e vídeos no mesmo gênero. Os *blogs*, *e-mail*, bate-papos virtuais (*chats*), e dentre outros são gêneros digitais que nos dão a possibilidade de associar textos a imagens, sons ou vídeos, além de nos proporcionar a interação assíncrona e síncrona com os interlocutores.

É importante enfatizar que, nesse contexto, inserir o letramento digital no âmbito escolar não significa somente disponibilizar as tecnologias em si, mas, antes de tudo, buscar desenvolver competências e habilidades que possibilitam aos alunos entrarem em contato com esses recursos tecnológicos produzindo sentidos por meio deles, pois,

conforme Zacharias (2016, p. 21), o letramento digital requer “[...] tanto a apropriação das tecnologias – como usar o mouse, o teclado, a barra de rolagem, ligar e desligar os dispositivos – quanto o desenvolvimento de habilidades para produzir associações e compreensões nos espaços multimidiáticos”.

Portanto, promover essas tecnologias no contexto escolar exige práticas reais e adequadas para o seu uso ético, crítico e colaborativo. Coscarelli (2011, p. 27) adverte que o computador não vai por si próprio, transformar a concepção de aprendizagem na escola, mas que é necessário que a informática adentre as salas de aula por ser “um recurso que pode ajudar a minimizar a exclusão de muitos sujeitos”.

Nesse sentido, é necessário trabalhar com o letramento digital, pensando na possibilidade de ampliar as competências linguístico-comunicativas dos alunos na condição de leitores e produtores de diferentes gêneros, considerando os mais diversos suportes e mídias, capacitando-os para o mercado de trabalho e a sociedade que está voltada a um universo digital, que a cada instante se torna mais exigente e competitivo.

Com a chegada dessas tecnologias, as práticas de ensino tomaram novos rumos, hoje com as ferramentas tecnológicas o professor tem ao seu redor um leque de possibilidades para envolver o aluno a determinado assunto em sala de aula, surgindo desse modo, novos comportamentos, novas formas de comunicação, de leitura e escrita, o que permite também ao professor elaborar uma aula mais dinâmica, despertando no aluno a curiosidade e o prazer por aprender. Dessa forma, os gêneros digitais têm se destacado fortemente nos espaços midiáticos e na sala de aula, assim vemos que a importância da utilização desses gêneros no contexto escolar é perceptível em todos os sentidos.

O trabalho com os gêneros digitais em sala de aula contribui para o desenvolvimento de estratégias de leitura e de produção de textos com foco nas diferentes linguagens, considerando a “ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas.” (BNCC, 2017, p.65). Com base nisso, constatamos o seguinte texto introdutório da BNCC à Língua Portuguesa:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BNCC, 2017, p.65-66).

Isso não significa deixar de lado os gêneros tradicionais, como “notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, charge, tirinha, crônica, conto, verbete de enciclopédia, artigo de divulgação científica etc., próprios do letramento da letra e do impresso” (BNCC, 2017, p.67), mas de contemplar também outros letramentos, novas possibilidades de ensino como o digital, que, como bem pontua Zacharias (2013, p. 20): “É necessário incluir no contexto escolar uma pedagogia que valorize e reconheça o universo multimidiático e multissemiótico marcado pelos ambientes digitais, uma pedagogia que não se restrinja à cultura do impresso”, na charge, por exemplo, nosso objeto de estudo, por ser um gênero rico em informações, cada parte que a compõe deve ser explorada cuidadosamente: os desenhos, os detalhes informativos que indicam uma simbologia, as cores aplicadas, combinações entre essas cores, os traços, a fonte das palavras, a disposição destas dentro de balões e as figuras apresentadas, além da relação desses detalhes com o contexto e tema a ser tratado, como podemos observar na charge abaixo, publicada em 28 de outubro de 2021.

Figura 2 - Vírus perigosos



Disponível em: <https://amarildocharge.wordpress.com/2021/10/28/virus-perigosos/>

Como podemos observar na charge intitulada “Vírus perigosos”, há ilustrações de três personagens, um deles o Presidente Jair Messias Bolsonaro que está se pronunciando na televisão, defendendo a ideia de que “A vacina para *covid* provoca AIDS”, e isso é possível perceber devido aos elementos presentes na figura, em que a disposição do balão com as palavras está indicando o seu discurso. Por outro lado, temos os outros dois personagens com características de criança, com a expressão facial de assustados, que ao se deparar com o discurso do Presidente na televisão, comenta: “Que insano! Divulgar *fakes news* sobre dois vírus tão letais: o HIV e o *coronavírus*”. E o mesmo questiona a

outra personagem: “Qual você acha mais perigoso”? Referindo-se aos vírus, ela responde: “O Bolsonaro”!

A ideia de que a vacina provocava AIDS se espalhou rapidamente nas mídias quando Jair Bolsonaro fez tal associação⁵ entre o vírus AIDS e a vacina da *covid* durante uma transmissão ao vivo, o que, conforme especialistas, poderia comprometer o plano de imunização da população brasileira diante de tantas *fakes news*. Assim, é possível perceber as relações metafóricas presentes no texto a partir do momento em que as crianças fazem uma breve comparação de Bolsonaro aos vírus letais. Dessa forma, vemos a necessidade de adotar a estratégia de leitura que retoma o diálogo entre um texto e outro, levar o aluno a fazer comparações entre o discurso atual e discursos anteriores e, a partir disso, construir seu ponto de vista, suas interpretações acerca do que está exposto na charge.

Levando em consideração que a combinação de semioses presentes em um texto conduz e direciona a interpretação e a compreensão do leitor, as habilidades de comparar, inferir, relacionar, analisar, dentre outras são fundamentais para o leitor construir significados. Também as intenções, as hipóteses e as experiências do leitor são essenciais para a sua compreensão sobre o texto (Zacharias, 2016).

Por apresentar exatamente um caráter denunciativo e crítico, a charge atualmente se destaca em veículos de comunicação como jornais, revistas e na *Internet*, além disso, o gênero traz poucas, ou muitas vezes nenhuma informação linguística, que conforme Romualdo (2000), a charge, enquanto mensagem icônica, não poderá ser recebida nem tampouco decifrada, caso o aluno não tenha informações suficientes para conseguir interpretá-la de forma simples e rápida. Portanto, a charge pode ser compreendida como “um texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico. Por focalizar uma realidade específica, ela se prende ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal” (Romualdo, 2000, p.21). Isto significa que a charge tem vida efêmera, sua interpretação está associada à situação e ao contexto histórico-social.

⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/10/bolsonaro-faz-associacao-absurda-e-falsa-entre-aids-e-vacina-de-covid-dizem-especialistas.shtml>

Mais do que uma simples caricatura, o gênero charge é, por vezes, uma crítica política-social, em que, de forma gráfica, o chargista busca expressar seu pensamento ou denunciar fatos recorrentes ao seu cotidiano com traços de humor e sátira. A construção desse humor parte de dois elementos característicos da charge: a imagem e o discurso verbal, que pode ou não ser apresentados nesse gênero. Dessa forma, Oliveira (2001) nos explica que:

Como qualquer discurso fundado na linha do humor, os textos de charge ganham mais força expressiva quando a sociedade enfrenta momentos de crise, pois é a partir de fatos e acontecimentos reais que o artista tece sua crítica em um texto aparentemente despretensioso. (2001, p. 265)

Para entender uma charge, é necessário estar em volta do contexto extraverbal. Conforme Bakhtin, esse contexto está voltado aos fatores sociais, históricos e ideológicos numa dada situação real. Segundo a perspectiva dos pensadores russos, quando se pensa em realizar a análise de uma dada situação comunicativa, faz-se necessário considerar o contexto que rodeia e constrói essa situação. Isso porque o contexto extraverbal integra o enunciado, tornando-se uma parte essencial dele, de tal forma que “O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis” (Bakhtin (Volohinov), 2009, p. 109). Compreendemos então que, um enunciado só se efetiva para fins a priori, não é algo improvisado, em si há função e objetivo, desse modo o enunciado é situacionalmente planejado/pensado, e, sobretudo, ideologicamente construído na medida em que fatos concretos ocorrem numa dada convivência histórica.

A BNCC (2018) pontua a necessidade de modernizar o ensino e o estudo dos gêneros no contexto escolar, possibilitando o contato dos alunos com estes, assim, ela destaca que:

[...] Vários são os gêneros possíveis de serem contemplados em atividades de leitura e produção de textos para além dos já trabalhados nos anos iniciais do ensino fundamental (notícia, álbum noticioso, carta de leitor, entrevista etc.): reportagem, reportagem multimidiática, fotorreportagem, foto-denúncia, artigo de opinião, editorial, resenha crítica, crônica, comentário, debate, vlog noticioso, vlog cultural, meme, charge, charge digital, political remix, anúncio publicitário, propaganda, jingle, spot, dentre outros... (BRASIL, 2018, p. 141).

Ao centrar-se no texto, a BNCC admite que as práticas de linguagem dessa nova era não se limitam mais ao convencional, isto é, aos gêneros impressos, mas envolvem cada vez mais novos gêneros, textos multissemióticos e multimidiáticos, tornando possível novas formas de produzir e interagir com os textos, além da disponibilização em relação ao acesso à leitura e escrita.

Logo, nos interessa aqui a leitura que provoque responsividade e, conseqüentemente, um juízo de valor. Segundo Bakhtin (2011):

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (Bakhtin, 2011, p. 271).

Conforme Bakhtin (2011), a atitude responsiva está associada à compreensão da significação do enunciado, em outras palavras, o sujeito ao compreender é sempre levado a praticar uma avaliação do que foi exposto para construir, dessa forma a sua réplica, respondendo de forma ativa o enunciado. Essa compreensão está voltada às suas vivências e bagagem de conhecimentos enquanto leitor, tendo em vista a sua interação com o enunciado, e isso só é possível porque é naquilo que foi dito ou escrito que o leitor encontra uma prévia de suas experiências. Nesse sentido, para Menegassi (2009), essa responsividade é incentivada pelo choque da palavra-signo com o mundo interior do leitor. Ainda conforme Angelo e Menegassi (2011), a leitura se estabelece como réplica discursiva constituída a partir das práticas de linguagem do leitor.

É importante desenvolver estratégias de ensino de leitura significativas que sejam capazes de formar bons leitores, de prepará-los para a vida. Nesse sentido, ler se caracteriza por ser uma condição necessária para a conquista da cidadania e participação social do indivíduo diante da sociedade, ou seja, a leitura é também ferramenta indispensável para a participação ativa do aluno nas discussões da comunidade política, no acesso às informações que circulam nos mais diversos suportes e para adentrar no mercado de trabalho. Ler o mundo é ocupar um lugar como sujeito da própria história. É ser ciente de que há processos que interferem no seu papel enquanto ser social e político. No entanto, mesmo tendo um papel significativo no meio social, ainda é muito comum vermos que grande parte dos sujeitos não sabe ler.

1.3 Práticas de letramento em contextos digitais

O termo letramento surgiu para denominar a prática de leitura e escrita que, ao ultrapassar a “mera aquisição da tecnologia do ler e do escrever” (Soares, 2002, p. 18), leva o indivíduo a participar de práticas sociais da leitura e da escrita, possibilitando que dessas práticas os mesmos as dominem. Seria importante pressupor, levando em consideração a época em que o conceito surgiu e passou a circular, que a prática do letramento estivesse de fato introduzida no contexto escolar. Assim, Soares (2022) ressalta que:

Letramento é, [...] o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento. [...] mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada. (Soares, 2002, p.145).

Partindo dessa ideia, Soares (2002) destaca que a prática de letramento inclui habilidades de leitura e escrita contextualizadas com intuito de que estas tenham sentido na vida do sujeito e que envolva a sua participação em diferentes contextos sociais, o que contribui na sua inserção social, tornando o mundo da leitura e escrita mais fácil de ser compreendido. Dessa forma, a autora conceitua letramento como a aquisição de práticas de leitura e escrita por determinado grupo de sujeitos. Assim, vemos que há uma necessidade de refletir, então, sobre o conceito de leitura.

Ribeiro (2021) parte da ideia de que os letramentos não se limitam tão somente ao processo de escolarização, mas que também “[...] são construídos ou desenvolvidos em nossas práticas sociais, desde as mais miúdas ou aparentemente banais”. (p.115). Essas práticas foram construídas com a chegada das mais novas formas de se informar e se comunicar, o que chamamos de tecnologia, possibilitando que sujeitos de variadas idades façam uso do letramento digital através da interação oferecida via rede social, mensagens no *WhatsApp*, *bate papos*, *E-mails* e demais aplicativos.

Coscarelli e Ribeiro (2005) trazem abordagens significativas a respeito do conceito de letramento, apresentando a relação deste com os computadores. As autoras defendem a ideia de que no momento que os professores se reinventam, abrindo novos caminhos e possibilidades do universo digital, buscando novas formas de dar aula, de

interagir com os textos e de adentrar seus alunos no mundo da informação, as chances são bem maiores de minimizar o problema dos “excluídos digitais”. Nesse sentido, para as autoras supracitadas o letramento digital relaciona-se “[...] à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)” (COSCARELLI C V, RIBEIRO, 2005, p. 9)

Nos dias de hoje, é muito comum o surgimento de novas formas de leitura que vão além dos recursos linguísticos. Os textos que normalmente chegam à escola, por exemplo, trazem consigo uma combinação de imagens com palavras, dentre outras diferentes semioses, o que exige, dessa forma, a competência, habilidade e domínio do aluno quanto ao código linguístico, tendo em vista a possibilidade de construção de sentidos aos textos lidos dentro e fora da sala de aula. Assim, na perspectiva de Dionísio (2011), “a Multimodalidade é caracterizada pelas mais diferentes formas e modos de representação utilizados para construir uma determinada mensagem, tais como: palavras, imagens cores, formatos, marcas/ traços tipográficos, disposição da grafia, gestos, padrões de entonação etc.”.

Nesse sentido, Dionísio (2011) discute a relação da escrita e imagem numa perspectiva de articulação, com a intenção de contribuir para o processamento textual da parte do leitor, em que um determinado texto ou mensagem pode ser construído com base na integração do plano verbal e visual. Essas diferentes formas de construir e representar uma dada informação resultaram em alterações no modo como os sujeitos passaram a construir e atribuir sentido face o texto. Assim,

Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos. [...] Representação e imagens não são meramente formas de expressão para divulgação de informações, ou representações naturais, mas são, acima de tudo, textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa. (Dionísio, 2008, p. 132).

A utilização desses recursos como imagens, tabelas e gráficos, por vezes, traz à tona uma fácil compreensão de determinado texto, proporcionando informações importantes sobre o assunto. Nesse sentido, compreendemos que a multissemiose está fortemente presente na sociedade contemporânea a partir de seus sistemas de reconhecimento automático de voz, letreiros luminosos, outdoors, panfletos, jornais com fotos, hipertextos, mangás, emoticons e outros elementos imagéticos e sonoros que fazem

parte do nosso cotidiano. Por sua vez, esses gêneros dão ênfase na necessidade de se repensar sobre as práticas de leitura, visto que esses textos que circulam socialmente estão fortemente caracterizados pelas modalidades de linguagem verbal (oral e escrita) e não verbal e exploram também a multissemiose, isto é, exploram um conjunto de signos/linguagens (ROJO, 2009).

Nesta multiplicidade de contextos, possibilidades e perspectivas, entram em discussão as práticas de letramento como habilidades que precisam ser desenvolvidas para a compreensão de significados de textos de todo tipo e gênero. Estas discussões, fundamentais para o andamento desta pesquisa, são realizadas na seção seguinte. Dessa forma, Rojo e Moura (2019, p. 20):

[...] aponta, a um só tempo, para a diversidade cultural das populações em êxodo e para a diversidade de linguagens dos textos contemporâneos, o que vai implicar, é claro, uma explosão multiplicativa dos letramentos, que se tornam multiletramentos, isto é, letramentos em múltiplas culturas e em múltiplas linguagens (imagens estáticas e em movimento, música, dança e gesto, linguagem verbal oral e escrita etc.)

Segundo Rojo (2013), os multiletramentos podem ser definidos como múltiplas linguagens presentes em textos, desde os impressos aos digitais, que se movimentam em culturas diversificadas. Tais textos se caracterizam pela interação, colaboração, composição em linguagens, mídias e culturas. Para os multiletramentos, a mistura desses textos requer a ampliação de práticas e capacidades para a compreensão e produção de diferentes linguagens, modos ou semioses. Portanto, estes sustentam seu conceito na multimodalidade presente nos textos, o que é possível identificar na charge abaixo intitulada "Gripezinha", publicada em 29 de março de 2020.

Figura 3 - Gripezinha.



Disponível em: <https://amarildocharge.wordpress.com/2020/03/29/gripezinha/>

Na charge intitulada “Gripezinha”, há elementos que nos possibilitam construir determinados sentidos. O personagem que representa o presidente Jair Messias Bolsonaro, por exemplo, está colocado acima dos demais personagens apresentados na figura, com um tom de negacionismo, de zombaria, de deboche, referindo-se à pandemia a uma gripezinha, resfriadinho, mostrando uma postura de despreocupado, o que é perceptível na sua expressão facial. Enquanto o barco, representado pela população brasileira estava afundando, os profissionais da saúde estão tentando salvar a população do vírus, elemento que pode também ser identificado na figura, sobre a água.

Assim, podemos perceber que tais elementos nos revelam o estilo, as formas, cores, espaço, além da disposição dos elementos contidos na charge, a exemplo do Presidente disposto acima, na ponta do barco, sem máscara, enquanto os profissionais da saúde estão abaixo, fazendo o uso da máscara numa posição de vulnerabilidade e de desespero em razão ao posicionamento do presidente. Esta charge dialoga com o discurso do Presidente Jair Messias Bolsonaro que refere à *COVID-19* a uma gripezinha⁶ em rede nacional, dia em que o Brasil registrava inúmeros casos de mortes.

Parte de seus discursos, normalmente, traziam tons de negacionismo, muitos relacionados à pandemia, em que, a todo o momento manteve uma postura de insensibilidade, de antipatia, colocando a vida de muitos brasileiros em risco, quando não passou a levar a pandemia a sério. Nesse sentido, é importante perceber a necessidade de trabalhar com a leitura, elementos que proporcionem aos alunos a capacidade de interpretar, compreender o porquê da presença das cores, o estilo de letras, da imagem na construção de determinados sentidos no texto. Santos (2019) destaca que o estilo é guiado pelo falante, pelo destinatário, enquanto réplica antecipada, e pelo próprio gênero discursivo.

Enfatizamos que o estilo está atrelado às escolhas feitas pelo falante. Entretanto, também são influenciadas pelo destinatário e pelo próprio gênero, uma vez que o falante, por ser resultado de uma construção social, já traz em si orientações construídas socialmente, que lhe indicam muitos aspectos estilísticos do gênero e, conseqüentemente, das possíveis enunciações e escolhas linguísticas. (Santos, 2019, p. 362)

⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>

A charge é um texto que oferece recursos necessários para trabalhar os multiletramentos, no que se refere à leitura de imagens, cores, formas, fontes, etc. Dentre as principais características do gênero charge temos a sua manifestação comunicativa concentrada de múltiplas informações voltadas para a contemporaneidade, isto é, essas informações circulam de forma breve, resumida e se refere a um fato/situação temporalmente recente. Esses textos que se difundem socialmente ou multimodal exploram modalidades de linguagem verbal (oral e escrita) e não verbal, além da multisssemiose, ou seja, exploram um conjunto de signos/linguagens (Rojo, 2009).

A ideia de aderir a metodologias que contemplem os multiletramentos na escola é de suma relevância, levando em consideração que o professor tenha conhecimento sobre as novas tecnologias e que a escola tenha condições de oportunizar a prática dessas metodologias em sala de aula. É necessário ainda, refletir sobre a maneira em que crianças e jovens vivenciam o letramento através da diversidade cultural.

Rojo e Moura (2012) defendem uma “pedagogia dos multiletramentos”, voltada para práticas que considerem os letramentos, a multiplicidade cultural dos alunos, os diversos gêneros que são conhecidos por eles e que introduzem na sala de aula e se correlacionam com as mais diversas culturas e meios sociais. Assim, compreendemos que o avanço das tecnologias trouxe novas formas de repensar as práticas de leitura e escrita, pois, se antes a preocupação da escola era ler e escrever no papel, hoje, na era digital, temos que ler e escrever nas telas. Isso significa que o suporte sofreu modificações. Logo, estamos vivendo um momento de transformação da escrita convencional, papel e caneta, para um suporte mais sofisticado e contemporâneo, tendo acesso ao teclado, mouse, computador, Datashow, impressoras, e dentre outras ferramentas.

Na BNCC, em especial o campo jornalístico-midiático, objetiva através de habilidades propostas pelo documento, ampliar e qualificar a participação dos alunos nas práticas relativas à informação e à opinião. De acordo com o documento:

[...] o que se pretende é propiciar experiências que permitam desenvolver nos adolescentes e jovens a sensibilidade para que se interessem pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e afetam as vidas das pessoas, incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos e possam produzir textos noticiosos e opinativos e participar de discussões e debates de forma ética e respeitosa (BRASIL, 2018, p. 141).

Segundo a BNCC (2018) se faz necessário que esses textos que circulam na esfera jornalística/midiática sejam acessíveis aos alunos com o objetivo de trabalhar a autonomia, o posicionamento e pensamento crítico, assim o aluno enquanto leitor será capaz de situar-se, de impor-se em relação aos seus interesses e comportamentos.

Nesse sentido, em meio à sociedade contemporânea, a competência leitora é algo fundamental e como tal deve abranger suas múltiplas modalidades. Em outras palavras, nessa sociedade marcada pela constante evolução das Tecnologias da Informação e da Comunicação, as chamadas TICs, é necessário que os indivíduos estejam aptos a compreender, quer dizer, a produzir sentido e significação face os mais diversos tipos de textos construídos com base nas mais distintas modalidades da linguagem [escrita, oral e, sobretudo, não-verbal/ imagética] (DIONÍSIO, 2011).

Sabemos que, desde a origem do gênero charge, a política esteve presente como um dos principais temas, abordando duras críticas sobre questões políticas-sociais. Junto à cobertura jornalística, as ilustrações passaram a ter destaque por ser um importante e acessível veículo de propagar ideias, informações e opiniões. Mesmo com a chegada dos meios digitais, das mais variadas formas de comunicação virtual, as charges são preservadas no jornalismo diário, e passam a atuar e ganhar novos espaços, se direcionando facilmente para outras mídias. Partindo do pressuposto de que o jogo político precisou se adequar à nova forma de comunicação, percebemos que o gênero charge e questões políticas-sociais estão intimamente ligadas.

Em razão desse teor político, a charge por não ser de fácil compreensão, exige do leitor conhecimento de mundo para a construção de sentidos. A leitura e compreensão deste gênero geram efeitos de sentido nos leitores. Esses efeitos são diversos e passam a ser analisados sob diferentes perspectivas, dependendo do conhecimento de mundo, ideologia, questões políticas, religiosas, culturais e/ou sociais de cada leitor. É importante ressaltar que não existe sujeito sem uma ideologia, afinal, todo e qualquer discurso é permeado por essa bagagem ideológica já existente no sujeito.

O aluno precisa desenvolver habilidades leitoras que o permita perceber sentidos que estão além do que está dito linguisticamente, considerando o gênero charge, é preciso entender o contexto extraverbal, a relação do texto com o cenário político, com ideologias predominantes no espaço jornalístico onde a charge foi publicada.

Considerações finais

Esta pesquisa iniciou-se com o seguinte questionamento: Quais aspectos do funcionamento social do gênero charge e como ele pode ser usado enquanto estratégia de ensino no contexto da Educação Básica? Para responder a esse questionamento, analisamos *prints* de charges, especificamente do *Blog* do Amarildo, a fim de analisar as estratégias de leitura desse gênero. A pesquisa nos revelou que o gênero charge tem como principal função social a crítica, a determinadas situações sociais ou personagens, a partir de uma linguagem multissemiótica e carregada de humor, sendo um gênero que retoma o contexto social mantendo relações dialógicas de confronto, divergência com o fato abordado.

Certamente, desenvolver trabalhos com textos humorísticos em sala de aula, contribui significativamente para a formação de leitores experientes e competentes, visto que esses textos despertam o interesse dos alunos, além de promover a reflexão de contextos sociais e de chamar a atenção para os aspectos linguísticos (dinamismo com a ortografia, com o efeito de sentidos das palavras, com as mais diferentes formas de se expressar, entre outros aspectos) que produzem o humor.

É importante ressaltar que as atividades de leitura devem considerar que aquele que lê também é capaz de produzir sentidos. Em outras palavras, essas atividades implicam na relação entre o leitor, o texto, o autor e o contexto sócio- histórico em que todos estão inseridos, o que sustenta a ideia de que ler não se restringe em apenas decifrar códigos, palavras, mas buscar sentidos que se revelam na materialidade do texto, a partir do emprego de recursos verbais (escrita) e não verbais do texto (multissemióticos); nos valores socioculturais e ideológicos, visto que a produção de sentidos também segue discursos valorativos e ideológicos, manifestadas na leitura do texto; na ideia de que leitor e produtor interagem simultaneamente no tempo e no contexto das relações sociais, nas diversas esferas da comunicação (espaço e situação).

É importante destacar sua característica temporal, por se alimentar do novo é tida como um gênero textual efêmero, focalizando e sintetizando determinado contexto histórico-social, permitindo o leitor a se aprofundar nos acontecimentos antes que partem para um passado distante, e assim seja possível produzir efeitos de sentido, pois é no momento em que a leitura da charge é compreendida que se manifesta a opinião.

Em suma, percebemos a partir da análise, que o gênero charge é carregado de sentidos que nos revelam discursos persuasivos criados a partir de outras manifestações

linguísticas em certo momento histórico e, visa possibilitar a interação entre locutor e interlocutor por meio da linguagem verbal e não verbal, além de possuir um caráter crítico e denunciativo.

Portanto, é perceptível diante do que foi exposto na pesquisa que as charges se constituem como um excelente instrumento didático para desenvolver habilidades de leitura voltadas para um leitor crítico, capaz de relacionar o material lido com o contexto extra-verbal, construindo sentidos atualizado conforme seu ponto de vista enquanto leitor situado sócio-historicamente em uma dada realidade social. Como desdobramentos para futuras pesquisas, destacamos a importância da discussão de sequências didáticas tendo como objeto de ensino o gênero charge numa abordagem dialógica. Isso permitirá uma contribuição ao ensino na Educação Básica, favorecendo ao professor um recurso didático como norteador no ensino desse gênero na sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, Francisco; SANTOS, E.P. O tema da Enunciação e o tema do gênero no comentário online. *Revista Fórum Linguístico*. Vol. 10, N. 2, p.78-90, abr./jun.2013.
- ANGELO, Cristiane M. Pianaro; MENEGASSI, Renilson José. Manifestações de compreensão responsiva em avaliação de leitura. *Revista Linguagem e Ensino*. Vol. 14, N.1, p. 201-221. jan/jun, 2011.
- BAKHTIN, M. M. (VOLOHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: a estilística*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015 [1934-1936]
- BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistema de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: Dionísio, Ângela Paiva; Hoffnagel, Judith Chambliss (org.). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 19-36.
- BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Tradução Judith Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.

- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- COSCARELLI, C. V., RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- COSCARELLI, C. Alfabetização e letramento digital. In: *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org). Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011.
- DIONISIO, Ângela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, Acir. Mário et al (organizadores). *Gêneros textuais: reflexão e ensino*. 3.ed. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.13-67.
- MENEGASSI, Renilson José. Aspectos da responsividade na interação verbal. *Revista Línguas e Letras*, Vol. 10, N. 18, p. 147-170, 2009.
- MILLER, Carolyn. *Estudos sobre gênero, agência e tecnologia*. Recife: UFPE, 2009.
- OLIVEIRA, M.L.S. de. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J.C. de. (Org.). *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- ROJO, Roxane (Org.). *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, 264 p. (Estratégias de ensino).
- ROJO, Roxane; Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 127p
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Letramentos, mídias, linguagens*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- ROMUALDO, E. C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia – um estudo de charges da Folha de S. Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.
- SANTOS, E.P. Estilo e marcas linguísticas: duas faces de um mesmo enunciado. *Revista Matraca*, Vol. 26, N.47, p.360-376, mai./ag. 2019.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: *Tecnologias para aprender*. COSCARELLI, Carla Viana (Org). São Paulo: Parábola editorial, p. 15-26, 2016.